

Dois Meses em Belo Horizonte



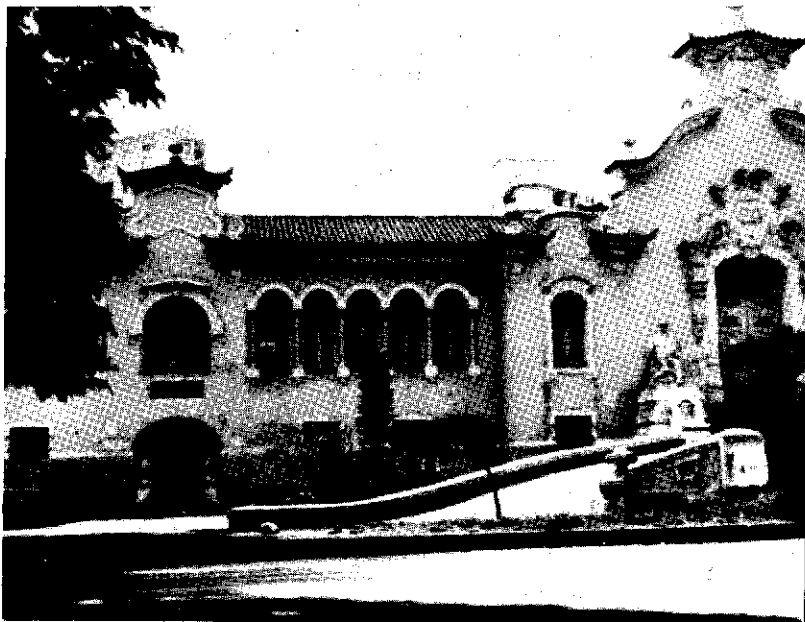
Theodore SIMON

No quadriênio 1926/1929, os governantes mineiros (Antônio Carlos como Presidente e Francisco Campos como Secretário do Interior) assumiram a Educação como um dos baluartes para divulgação e implantação de um novo modelo de cidadão, mais consentâneo com a problemática da vida social e urbana então emergentes.

Para obter sucesso na Reforma da Escola Primária, (por eles efetivada nos moldes da Escola Nova), Francisco Campos enviou um grupo de professoras mineiras para estudos na Universidade de Colúmbia (EUA), e mandou vir, da Europa, uma comissão de destacada importância no campo da Educação e das Artes.

Ao aportar em Belo Horizonte, em 23/02/1929, o mais famoso integrante da comissão européia era, sem dúvida, Theodore Simon. Simon era um dos expoentes da Psicologia Experimental, que, por aquela época, assumira grande prestígio e importância. Ao "tornar-se" a Educação um fato "científico", a mensuração e a comparação de critérios elaborados pela Psicologia tornaram-se básicas no campo educacional. Theodore Simon era francês, médico, professor da Universidade de Paris e diretor da Colônia de Alienados e Anormais de Perry Vandense. Theodore Simon foi também aquele que, junto com Alfred Binet (de quem era assessor direto), criou os primeiros testes de medida da inteligência humana e organizou as primeiras escalas de determinação da idade mental da criança.

Escola Est. Barão de Macaúbas
Belo Horizonte-MG



Escola Est. Pedro II
Belo Horizonte-MG

De fevereiro a maio de 1929 esteve ele em Belo Horizonte, ministrando cursos ao professorado mineiro (especialmente aos professores do curso primário reunidos no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, nas noites de 2.as e 5.as feiras, e na recém-criada Escola de Aperfeiçoamento)*, sobre os princípios, métodos e instrumentos de trabalho da Psicologia Experimental.

De volta à França, proferiu uma palestra para os membros da sociedade "Alfred Binet", dizendo das impressões e "achados" do trabalho aqui desenvolvido e tecendo comentários sobre a terra, o povo e os costumes brasileiros de então. Traduzida para o Português, a palestra foi publicada pelo jornal "Minas Gerais" em 05/04/1930, e pela Revista do Ensino, Belo Horizonte, Ano V, nº 44, abril/1930, p. 102-112, sendo aqui reproduzida.

Maria Helena Oliveira Prates
Professora do Centro Pedagógico/UFMG



Instituto de Educação de Minas Gerais
Belo Horizonte-MG



Escola Est. Delfim Moreira
Belo Horizonte-MG



Escola Est. Afonso Pena
Belo Horizonte-MG

"Convidado pelo governo do Estado de Minas Gerais, embarquei para o Brasil a 5 de fevereiro último. Penso que vos seria agradável empreender a mesma viagem, tanto mais que vos seria poupadas as hesitações da partida e as dificuldades inerentes a qualquer missão.

Pois bem, não é sem apreensão que nos resolvemos a embarcar; imaginamos com temor as novas condições que vamos encontrar e de resto as imaginamos erradamente. Abandonarmos, por qualquer coisa de desconhecido; a tarefa que estávamos realizando, a vida, talvez rotineira mas regrada, a que já nos habituáramos... Acrescentarei que, se as nossas administrações favorecem esses deslocamentos, e eu fiquei realmente sensibilizado pela solicitude que me dispensaram, os regulamentos que as tiranizam impõem, entretanto, a obrigação de nos afastarmos delas, e sabeis que isso não se faz nunca sem pesar, mesmo por pouco tempo. Não dignada sobre outras separações, de que as plataformas das estações são testemunhas habituais... Quanto aos motivos da partida, que devem vir no fim de tudo isso, além do demônio da aventura, que representa, sem dúvida, um papel oculto, acenavam-me, ali, com um país novo e um esforço pedagógico cujas provas agora mesmo apreciáveis; exprimiam-me o desejo de que as professoras daquela região fossem iniciadas nos métodos que, após a morte de Binet, me esforço por levar adiante, e que são franceses, embora muita gente, entre nós, os julgue americanos. Fizera-se, aliás, a mesma proposta a uma diretora de escola, que não pôde aceitá-la. Iríamos, pois, declarar falência? Evidentemente, era necessário partir.

I

Embarquei em Cherburgo, num navio inglês, da Royal Mail Co., o "Alcântara". Tendo regressado, havia pouco, do Canadá e dos Estados Unidos, não me sentia muito aterrorizado com a perspectiva de novos contatos com "stewards" de cabine e de convés, só falando inglês, se bem que eu maneje mal essa língua. Ademais, o "Alcântara", sob certos pontos de vista, é um bellissimo navio, dotado de piscina, sala de jantar e salões vastíssimos, com um convés de passeio muito largo, o que não é de desdenhar para os passeios habituais - e não há outros a fazer durante 15 dias.

Primeira parada em Vigo; segunda em Lisboa, que eu já conhecia e onde não desci; terceira e última no Rio de Janeiro. Doze dias sem escala. Passamos à esquerda de Tenerife, cujo pico vislumbramos entre duas nuvens, coberto de neve às 7 horas da manhã, e atravessamos a linha equatorial; aliás, só percebemos esse fato pelo calor cada vez mais intenso que fazia.

Desde Lisboa, a primavera. Mas, passada a linha, se bem que todo convés esteja coberto, e toda a janela escancarada, não entra um sopro do ar. Mar calmo, alguns cardumes de peixes-voadores e o sol implacável... As próprias noites tornam-se asfixiantes. Dia a dia se afixam notícias chegadas pelo T.S.F.: o gelo do lago de Genebra, o rompimento dos canos d'água de Londres, a patinação em Paris... É tão difícil representar-vos o calor que começávamos a sofrer, quanto nos era a nós sentir frio, a despeito dessas informações que brigavam todo dia com a nossa situação.

Marginamos a ilha ridente de Fernando Noronha, em que se localiza um presídio.

Avistamos a costa de Pernambuco - oportunidade para os passageiros acostumados à travessia contarem histórias de tubarão, mais ou menos meridionais. É possível que estejamos

vendo o dorso de alguns deles. O calor torna-se cada vez mais penoso: um hálito pesado, uma contínua transpiração... Apesar de tudo isso, há baile no tombadilho, mas a verdade é que a gente quase não podia suportar as cabines. Agora, precisamos as informações: devemos chegar ao Rio entre 2 e 3 horas da madrugada.

Noite de insônia, é claro. Bagagens amontoadas à pressa, e depressa no tombadilho! Entramos lentamente entre os fogos dos faróis. A linha das montanhas perfila-se, arredondada e sombria, enquanto que toda a baía é iluminada por uma rampa elétrica de muitos quilômetros. À esquerda, à direita, à frente, por toda a parte em que se lance o olhar, vêm-se fogos. Navios passam na obscuridade, deslizando sem rumor. O nosso detém-se, somando-se ao silêncio. E a espera nessa obscuridade, com a vida que sentimos tão perto, mas que a essa hora não se ouve, deixa uma impressão inteiramente estranha.

Depois, eis que bruscamente o céu se torna róseo, as montanhas se tingem, e o mar aparece, sem uma vaga, como de chumbo. Esse raiar de aurora me pareceu, a princípio, antes sinistro do que alegre, mas de uma grandeza incomparável e fulgurante. Manchas verdes aqui e ali, casas brancas, arranha-céus (felizmente raros, porque as curvas das colinas se acomodam mal com essas arestas verticais que cortam as suas sinuosidades), e o navio costeia lentamente a alfândega e se aproxima do cais.

Quando não se é propenso ao enjôo, e tenho essa felicidade, a vida a bordo é realmente uma coisa deliciosa, de sorte que, ao preparar-me para desembarcar, não deixava de sentir uma certa melancolia. Logo no cais, apertos de mãos, vozes francesas... De franceses talvez? Não. Mas o engano é possível. São membros da Associação Brasileira de Educação. Há quem tome as nossas cartas, para as fazer seguir de avião, há quem nos retire as bagagens, quem nos conduza ao auto; de uma só vez, foram-se todas aquelas preocupações que costumam envenenar as viagens. Não há nada a fazer senão falar-mos francês e nos acreditarmos de novo em casa. Pois bem! Assegure-vos que quando se deixa um vapor inglês, planejando uma explicação em português com algumas palavras aprendidas rapidamente no Berlitz e com o auxílio de um dicionário de algibeira, experimentar, mais ou menos, a mesma impressão que já se havia sentido à chegada em Quebec, é uma coisa que espanta um pouco, mas que proporciona um rude prazer.

Todas as atenções nos são dispensadas. Sem dúvida, há um pouco de vaidade, mas quão legítima, em nos mostrarem imediatamente os esplendores da paisagem, mas há também piedade por nós. Sabem que não estamos aclimatados ao ardor deste sol, e levam-nos para almoçar a algumas centenas de metros de altitude. Subimos ao Corcovado. Percorremos a Avenida Central e eis-nos, agora, em plena floresta tropical, porque a floresta, no Rio, está dentro da cidade. O funicular, elevando-se em meio das árvores, espanta essas borboletas cujo renome é universal. Vegetação luxuriante. Lá do alto, uns 700 metros mais ou menos - vê-se toda a cidade, toda a baía, todo o mar... O almoço foi delicioso, regado de água, de guaraná e de café, como é de preceito.

À noite fui convidado a jantar no Jockey Clube, pelo seu presidente, Dr. Magalhães, devendo fazer em seguida, às 21 horas, minha primeira conferência. Volto, pois, ao hotel, visto-me a toda pressa e fico esperando. Haviam prometido procurar-me. Fico esperando... 20 horas e três quartos, 21 horas, 21 e um quarto... Começo a inquietar-me. Desço à rua, subo para interpellar o gerente do hotel, com auxílio do pouco português que possuo, peço-lhe que telefone, não compreendo,

naturalmente, nada do que ele me responde, torno a descer, espio os veículos, mas não posso sair, porque está chovendo e não sei, de resto, para onde ir. Relâmpagos, trovões como só aqui se ouvem iguais, e mais nada. A tempestade tornara inabordável o lugar em que ia realizar-se a conferência. Em poucos momentos, a água inundara a calçada e fizera desaparecer os passeios. Nem os autos e os bondes podiam mais circular, nem os passageiros descer, a menos que se arriscassem a ficar com água pelo joelho. Eis aí um certo aspecto do Rio, bem raro felizmente, e que se deve precisamente à sua situação, pois todas as águas que caem sobre as suas colinas se precipitam na baía, atravessando a cidade, e assegurar-lhes o escoamento continua a ser, para a municipalidade, um grave problema. Confesso que não nutro pelas conferências um amor suficiente para lamentar esse silêncio obrigatório, e provavelmente teria sido preferível para vós que semelhante acidente ocorresse hoje também.

Deixamos o Rio no dia seguinte: a conferência foi adiada por dois meses e então revi o Rio com o seu melhor clima, que não é o do fim do verão. Recordarei especialmente, e por muito tempo ainda, um passeio a Petrópolis, que foi um verdadeiro encantamento... Mas voltemos à nossa viagem.

Tomamos o trem no Rio, às 20 horas. Devíamos estar em Belo Horizonte às 11 horas do dia seguinte.

Belo Horizonte é a nova Capital do Estado de Minas Gerais. A antiga era Ouro Preto. A atual é uma cidade de 30 anos, portanto, mais moça que muitos dentre nós. Já conta mais de 100 mil habitantes e é muito extensa. Está longe de ser feia: avenidas largas, bonitas árvores, praças elegantes, e um bellissimo fundo de montanhas.

Belo Horizonte tem um traçado regular: avenidas de 30 metros e, dispostas num ângulo de 45 graus, uma rede de ruas. Não sendo plano o solo, os acidentes do terreno acabam por tirar-lhe toda a monotonia.

Altitude de 900 metros, o que torna as noites bastante frescas, e atmosfera de uma transparência deslumbrante.

Uma terra vermelha, árida, escassa cultura nos arredores mais chegados, e árvores em vez de florestas. Não há indústria. Centro essencialmente político e, sem dúvida, dentro em pouco, centro comercial, mercê do aparelho ferroviário, para onde convergirão os produtos do centro do Estado, notadamente minérios e rebanhos, antes de descer ao Rio para a exportação.

Na praça da Estação, há pérgulas por onde sobem roseiras. As casas são, na maioria, bastante baixas - um andar - e têm jardim.

Em redor da Praça da Liberdade, notável por suas palmeiras e suas rosas, estão as diversas Secretarias e o Palácio da Presidência. Os subúrbios são extensos, toda uma multidão de casas espalhadas em torno da cidade.

II

Depois de uma primeira apresentação ao Dr. Antônio Carlos, Presidente do Estado, no ato inaugural da Alfândega, e após haver assistido, com o Dr. Francisco Campos, Secretário do Interior, a um concerto sinfônico, e em seguida a rápidos passeios com S. Ex.^ª nas imediações da cidade, para observar a fisionomia da terra, penetrei, afinal, em uma escola.

Era a escola infantil "Delfim Moreira", situada mais ou menos a 500 metros do Grande Hotel, onde me hospedara. Segui a pé, sem avisar e, desde a entrada, fiquei cativo. O edifício não foi construído especialmente; é uma casa como tantas outras, mas talvez, e apesar de tudo, isso não prejudique

e até contribua para lhe dar mais um ar de casa do que de construção escolar. As classes e os jardins adquirem, na luz daquela terra, um encanto, uma cor e uma alegria que só raramente encontramos entre nós. Acrescentai a isso crianças encantadoras, muito parecidas com as nossas, com o mesmo olhar e as mesmas faltas de jeito. Por cima de tudo, nessa idade, como as relações se estabelecem mais por gestos, entonações e sorrisos do que por palavras, não há necessidade de muito português para a gente se entender. Um ambiente sem constrangimento, um piano, movimentos não rigorosos de conjunto, mobiliário novo e adequado, mestras sorridentes, tudo isso me encantou. Voltei muitas vezes à escola "Delfim Moreira", e a minha impressão não se modificou nunca.

Vê-se, aqui, uma classe ao ar livre, em redor da "casa de boneca", que é uma casa de grandes dimensões... Todas as variedades de quartos aí se representam com os móveis adequados. Eis a boneca. No fundo, está a sala de jantar, que me fez recordar os grandes repastos, em Bois-Guillaume, perto de Rouen...

Antes de deixar a escola, as crianças cantam:

Tomo a cestinha e meu chapéu

e já me vou embora.

O sol descamba lá no céu,

sou da Mamãe agora.

Até amanhã,

meu bom Jardim!

Não te esqueças de mim,

meu bom Jardim!

Em seguida, para ficarmos tranqüilos na hora da saída e para que os papais nos achem sossegados, dormimos uns dois ou três minutos.

Mais tarde, visitei, em dois giros, todas as escolas primárias da Capital. Não vos falarei de todas; tive o cuidado de escolher... Para que guardar documentos sobre o que deve desaparecer, e quando vemos em nossa frente os edifícios que se elevam para substituir os que, embora tendo apenas 30 anos, já não correspondem ao ideal que o Estado tem em mira?

1º - Grupo Escolar "Barão de Macaúbas". 28 classes, 1500 crianças. Bonita entrada: 1500 alunos, eis um efetivo que não é raro no Estado, em que se encontram frequentemente famílias de 10 crianças. Pedi a fotografia da classe que ocupa um ângulo do edifício. Era o 1º ano e dirigida pela senhorinha Maria Semíramis. Além das fitas brancas no cabelo, fere-nos logo a atenção o aspecto limpo e gracioso oferecido pela camisinha branca do uniforme, e que se adota em todas as escolas primárias. A classe é mista: meninas e meninos são educados em conjunto. Laços brancos nos lápis e, sobre o peito, uma fita com o nome da criança. Mas lancemos um olhar pelas janelas, e admiremos o horizonte que se desdobra aos olhos dos alunos. Sob o sol, a vista é verdadeiramente esplêndida.

2º - Grupo "Afonso Pena". As classes do primeiro andar abrem, todas, sobre um alpendre. Ao centro; o pátio de recreio.

3º - Do outro lado da rua, um pequeno curso técnico, em que os alunos trabalham por turmas. Trabalho em madeira. Fabricação de um carro.

4º - Grupo "Barão do Rio Branco": uma sala central, duas alas em que as classes do primeiro andar se ligam por uma galeria. Se as classes são mistas, os pátios de recreio apresentam-se separados, como na maioria das vezes. O chão desses pátios é atijolado. Magníficos "flamboyants", com flores vermelhas e suas folhas largas, compõem um esplêndido cenário.

5º - Grupo "Bernardo Monteiro", no Calafate, bairro pobre. No pátio central, manifestação em minha honra. Não vos lerei os discursos então pronunciados, mas uma imensa bandeira francesa fazia parêntese com a brasileira, e, ao terminar a ginástica, toda a meninada cantou a "Marselhesa", exatamente como a cantam em nossas escolas, e podeis acreditar que era deveras comovente recolher assim, a 21 dias de distância de nossa terra, tais manifestações de simpatia pelo nosso país.

Mas também foi uma das professoras desse grupo que me fizera esta confissão: "É uma coisa horrível a gente pensar que pode morrer sem ter visitado a França".

Por fim, duas escolas ainda:

1º - Uma escola maternal, transformada momentaneamente em Escola de Aperfeiçoamento, para as professoras do interior do Estado.

2º - O Grupo Escolar "D. Pedro II", de estilo colonial. Foi principalmente neste último estabelecimento que eu estudei as crianças.

Vamos resumir, agora, essa primeira parte.

Não podeis deixar de impressionar-vos com o esforço escolar que representam essas construções. Entretanto, não soube dizer-vos tudo. Ficar em Belo Horizonte também não seria bastante para me inteirar da obra empreendida pelo Estado de Minas Gerais. Devo à amabilidade do Dr. Francisco Campos, que não saberia agradecer suficientemente, havê-lo acompanhado, e à sr.a Artus Perrelet¹, em uma viagem ao interior, da qual muitos aspectos pitorescos estaraõ sempre presentes ao meu espírito. Falta-me o tempo para falar-vos de nossa travessia do São Francisco, sobre algumas pranchas, do ambiente dos banquetes que sobre certos pontos lembram os nossos dos tempos de Luís XIV, da habilidade dos motoristas ao passarem, em plena noite, sobre dois paus colocados através do curso d'água, quando não abrem eles mesmo o caminho. Só posso guardar dessa viagem a parte escolar. Tratava-se de inaugurar, em Pitangui, uma Escola Normal e um grupo escolar... Comboio oficial. Alunos aglomerados nas estações. Foguetes, hinos e discursos em cada parada, e que discursos, meu Deus! O meu pasmo era verificar o quanto a minha prosa, traduzida nessa língua quente, de entonações vigorosas, se tornava grandiloquente. Mas não é ainda sobre isso que eu queria falar. Ao mesmo tempo, o Presidente do Estado, acompanhado do Inspetor Geral da Instrução, Dr. Mário Casasanta, inaugurava, por sua vez, outras escolas normais e outros grupos escolares. Em suma, é uma obra considerável que se empreende por toda a extensão do Estado, para a instrução das gerações que chegam. É um movimento que, ademais, soube ganhar a opinião e é hoje conduzido por ela.

Agora, talvez, me pergunteis: que é que vós mesmos fizestes lá? Aí está o objeto da segunda parte deste relato.

III

Quando chegamos em Belo Horizonte, a Escola de Aperfeiçoamento não se abrira ainda e o seu pessoal não estava reunido. Iniciei, então, no salão de honra do grupo escolar "Barão do Rio Branco", uma série de conferências sobre testes, para o professorado de Belo Horizonte, e demais pessoas a quem o assunto pudesse interessar. Fiz essas palestras em francês, para auditórios de 300 a 500 pessoas, circunstância que não assinalo por vaidade, mas porque revela, ainda uma vez, até que ponto a nossa língua é familiar por lá. Tais conferências tinham lugar duas vezes por semana, às 19 e meia. Não falando no acolhimento do público, a parte mais agradável para mim eram os passeios subseqüentes, no auto do Dr.

Francisco Campos, em companhia deste, pelas avenidas da Capital ou nos morros que a dominam e de onde se percebem as suas luzes fulgurantes, ou mesmo até pequenas cidades vizinhas, tão pitorescas, como Sabará, na relativa frescura da noite.

Aberta a Escola de Aperfeiçoamento, eu fazia nela, cada manhã, de 7 às 9 horas, duas séries de demonstrações, aproximadamente, no gênero das que realizei nas Escolas Normais daqui, mas o número de alunas (cerca de 150) e uma organização ainda incompleta não me permitiram dar-lhes o caráter de trabalhos práticos, que teria desejado, e certamente precisaria modificar o horário, se lá tivesse permanecido por mais tempo.

Na Escola de Aperfeiçoamento, o ensino de francês, a falar a verdade, apresentava algumas dificuldades. Uma conferência só é assistida pelos que podem compreendê-la. Em uma escola que reunia professoras de todos os pontos do Estado, em número de 150 mais ou menos, havia forçosamente uma grande parte a que o francês não era familiar. Muitas começaram a tomar aulas suplementares da nossa língua, mas, mesmo assim, era necessário mais tempo para nos entendermos.

Notai, de resto, que se a ignorância do francês era grande em vultosa proporção das alunas, o seu conhecimento, em outras, vos teria surpreendido. Fiz por duas vezes, com grande alegria do meu auditório, dois testes de ortografia: primeiro, um ditado simples, de poucas linhas; depois, uma lista de palavras, prova mais difícil, porque sem auxílio de qualquer dicionário.

Pois bem, no ditado de frases, em 125 provas recolhidas, 26 não apresentavam um erro sequer, 29 continham 1, 22 guardavam 2, 11 poussuíam 3, e assim por diante. Não vos submeterei à prova do mesmo ditado em português, mas ficaria admirado se vos sásseis dela de maneira tão honrosa.

Enfim, além das conferências que pronunciei no grupo escolar "D. Pedro II" e das demonstrações e dos exercícios pouco numerosos da Escola de Aperfeiçoamento, levei a termo, nas escolas da Capital, e mais particularmente naquele primeiro grupo, um certo número de exames e de inquéritos.

Aqui devo agradecer não só às autoridades da instrução, que me deram inteira liberdade de interrogar as crianças, como também a D. Helena Penna, que sempre nos recebeu amavelmente em suas escolas, e muito especialmente a D. Maria Luísa de Almeida Cunha, e a D. Zélia Rabello, diretora do grupo "D. Pedro II". A colaboração constante dessas duas mulheres notáveis e de qualidades diferentes, o seu desejo de aproveitarem minha presença para se iniciarem nos métodos por mim expostos foram-me extremamente preciosos.

Sem elas, grande parte do trabalho que empreendemos não teria, sem dúvida, alcançado êxito.

O Grupo "Pedro II" é esse edifício de estilo colonial, de que vos falei há pouco.

Não vos exporei com minúcia os exames a que submetemos seus alunos. Deixei com a direção do grupo os documentos originais, mas basta lançardes um olhar sobre alguns gráficos,² para que avalieis a amplitude do nosso inquérito. Resumirei, apenas, alguns traços particulares e as grandes linhas desse trabalho.

Levantei pessoalmente as estatísticas, modifiquei os testes com a colaboração das pessoas acima citadas e assisti, senão presidi à sua execução; corriji-os eu mesmo, e acompanhei-os minúcia por minúcia.

Em primeiro lugar, a dificuldade extrema que há em aplicar às crianças de um país o que se preparou para as de outro. Chocamo-nos com os obstáculos mais imprevistos.

O primeiro foi o dos nomes e das idade. Vossos nomes brasileiros são encantadores, sr. embaixador, tanto os dos meninos quanto os das meninas - Geraldo Elias Alves, Roberto Gomes de Oliveira, Maria Margarida Moreira, Iracema Fonseca - mas sabeis que nas escolas de Minas é hábito chamar as crianças pelo seu prenome; ora, algumas delas têm vários, e nem sempre assinam as suas provas com o mesmo. A identificação torna-se, afinal, bastante difícil, para quem não as conhece tão bem como a professora. Quanto à idade, a escola não exige, no Esado, certidão de registro civil: basta uma declaração dos pais, e como só é possível a matrícula aos 7 anos, acontece que as crianças são envelhecidas para que se possa admiti-las, com a intenção de refletir mais tarde... ou se esquecer de fazê-lo. E depois - como também entre nós, Deus do céu - os zelos de precisão não se restringem a apenas alguns meses.

Foi necessário, pois, conversar com as famílias, e quantas vezes me vi obrigado a completar os quadros de população, cujo modelo pedira ao sr. Anfroy, quadros que foram preenchidos por uma boa parte das escolas de Belo Horizonte.

Quanto aos testes que experimentamos, foi igualmente necessário corrigi-los todos. Não sei se vos recordais da composição da primeira folha de exame, com a qual interrogamos as crianças das escolas maternas e os alunos do 1º ano. Vê-se, aí, a imagem de um pombo. Essa ave, é, porém, muito menos familiar lá do que aqui. Indagamos que espécies de mercadorias vendem os negociantes da cidade e, por exemplo, não encontramos em Belo Horizonte uma tabuleta que correspondesse ao nome do quincalheiro.

Os testes de instrução parecem mais facilmente aplicáveis tais como são, embora se faça preciso modificar o enunciado de alguns problemas. Mas façamos ler 25 sílabas; se é certo que podemos afirmar que uma criança que sabe ler lerá qualquer agrupamento de letras, é entretanto preferível recorrer aos agrupamentos especiais da língua. Exploramos a ortografia com um teste de 20 imagens, mas tal forma de serra, comum entre os nossos marceneiros, é quase desconhecida em Belo Horizonte; a imagem põe em atividade a imaginação das crianças, que nela reconhecem ora uma barreira, ora uma cerca, ora um pente. A variedade dessas respostas não me facilitava o trabalho de correção ortográfica; logrei com ela, é certo, dicionário em punho, aprender não poucas palavras portuguesas.

Repito, pois, que compusemos exames mais apropriados. Eles foram mimeografados na Secretaria do Interior ou impressos nas oficinas do Estado. Em seguida, calculamos as médias correspondentes a cada idade e estabelecemos as médias particulares de cada teste.

Todos os alunos do grupo "Pedro II" foram submetidos a exames de leitura, de ortografia, de cálculo e de inteligência. Com relação a esta última, interrogamos também crianças de jardins de infância para os graus inferiores, e, para os mais elevados, o diretor da Escola Normal teve a amabilidade de reunir alunas do curso preparatório desse estabelecimento, que corresponde aos nossos cursos complementares de 1º ano. Fizemos, ainda, a aplicação desse teste a um grupo de alunas da Escola de Aperfeiçoamento. Também as professoras das classes em que operamos se prestaram gentilmente à prova, e devo acrescentar logo que se saíram como fora de esperar, ou mesmo melhor, pois respeitaram sempre a hierarquia: as diretoras apresentaram os melhores resultados, e as professoras fizeram mais do que as estagiárias.

Muitas conclusões podem ser tiradas desses estudos.

Uma vez concluída a transposição, o método de testes se mostrou apto a prestar os serviços habituais. Nenhum processo

me teria permitido esclarecer com tamanha precisão, e sem ser preciso escolher as apreciações das professoras, o valor relativo, intelectual ou escolar, de igual multidão de crianças. Ora, como é claro, notam-se em Belo Horizonte, como em Paris, diferenças individuais consideráveis; todos os graus são encontrados e, em consequência, também os mesmos problemas.

Tomemos ao grupo "Pedro II" 5 classes de 1º ano. Idades muito diferentes em cada classe - de 7 a 12 anos - mas também níveis muito diferentes. Não é realmente estranho que se deixe de procurar, para alunos tão diversos, um outro agrupamento? As necessidades dos que vão completar 12 anos não são evidentemente as mesmas dos de 7 anos, cuja escolaridade poderá ser regular. Os de inteligência pouco aberta, certamente, não aprenderão com a mesma facilidade das crianças de nível intelectual elevado. Não importa, são misturados ao acaso. É exato que, à entrada da escola, a instrução não pode acusar-lhes as diferenças. Os níveis da leitura aparecem bem semelhantes.

Mais tarde, pouco a pouco, a escola irá operando a seleção, em Belo Horizonte como alhures, e vamos encontrar, então, nas classes essa disposição que tantas vezes mostramos aqui: crianças mais tenras, bem dotadas; crianças mais velhas, de inteligência curta. Não é certo que, nessa ocasião, seria melhor reunir os bem aquinhoados e submeter os demais a programas mais limitados?

Não somente nós poderíamos sugerir assim outras divisões, como também podíamos mostrar aos professores as fraquezas e, portanto, as necessidades de seus alunos.

Assim, os processos de organização escolar, cujos métodos e modalidades de emprego fixamos com a senhorinha Rémy, mostravam-se utilizáveis sob todos os pontos de vista, e sem outros retoques além das adaptações à língua e ao país.

As indicações que levantamos deviam ser observadas depois de nossa partida. Deviam também ser ampliadas. Interessar-me-ia acompanhar esses ensaios, mas não posso dissimular que a aplicação de tais métodos, no estrangeiro, encontrará os mesmos obstáculos que tanto nos embaraçam também aqui: pouco interesse pela precisão, falta de fé nos métodos científicos, cujo valor educativo só é reconhecido, para falar a verdade, quando os manejamos, a atenção, a perseverança que esses métodos exigem e que não são qualidades bastante generalizadas, sobretudo entre nós, os da raça latina. Não faltam, ainda, pessoas que preferem avaliar com a mão a temperatura de um banho a tomá-la com um termômetro. Semelhantemente, os nossos julgamentos sobre as crianças são mais fruto de intuição do que de exames metódicos. A Pedagogia, repete-se, deve vir buscar apoio na Psicologia da Criança. Mas, ao passo que a Psicologia realizou esse progresso de medir a inteligência de cada pessoa - e se bem que, do mesmo golpe, ela tenha fornecido a medida do domínio da instrução - a escola, a princípio, manteve os seus hábitos, e mal começa a fazer passar à prática as noções adquiridas. O nosso papel, aqui, é, felizmente, menos o de garantir essas aplicações do que o de trabalhar para fornecer as técnicas necessárias. Ora, tive o prazer de verificar, mais uma vez, que essas técnicas, nós as possuímos hoje.

Quanto às comparações a fazer entre os resultados obtidos em Belo Horizonte e os dos nossos próprios alunos, eis como se estabelecem elas quanto à instrução.

Teste de ortografia: Ditado de 21 palavras. Resultados brasileiros: no 1º ano escolar, crianças de 7 anos e meio, 21 erros; no 2º ano, 11, e assim por diante. Entre nós: crianças de 7 anos e meio, 12 erros; crianças de 8 anos e meio, 4. Daí por diante, os resultados se aproximam e, aos 12 anos, se confundem.

Teste de leitura: resultados de Belo Horizonte: Leitura de uma frase. Para crianças de 7 anos e meio, são necessários 2 minutos; para crianças de 8 anos e meio, 70 segundos. Crianças francesas: de 7 anos e meio, 45 segundos; de 8 anos e meio, 17 segundos. Depois, as duas linhas se aproximam ainda: aos 9 anos e meio, 27 segundos contra 9, e assim por diante.

Julgo inútil dar outros exemplos; os fatos são sempre os mesmos.

Como interpretar esses resultados? Oh! Muito simplesmente. No Brasil, só se entra para a escola aos 7 anos: daí o atraso na partida...

Mas a gente acaba se encontrando, e eu me perguntei se esse fato não indicava que nós outros começamos muito cedo a instruir as crianças. Semelhante conclusão seria, entretanto, errônea. O resultado de um teste não deve ser lido com brutalidade. É preciso procurar compreendê-lo. Ora, as duas linhas se juntam, é exato, mas se juntam porque o teste forma uma espécie de cumieira. Há, pois, um momento em que atingimos o nosso ponto máximo. Atingi-lo não significa, porém, que, nesse momento, não o ultrapassaríamos. Era essa a ilusão que davam as composições de antigamente. Tornava-se preciso um novo teste mais difícil. Talvez percebêssemos, então, que as nossas crianças venceriam esse novo teste. No 4º ano, por outro lado, a criança brasileira, como dizíamos, saberá ler mais ou menos como a nossa. Seja; mas até lá, não terá ela lido menos e compreendido menos do que a nossa?

Não concluíamos, pois, apressadamente, desses resultados, pela extraordinária precocidade da instrução em nossa criança.

A grandeza do esforço a realizar, e que o Estado de Minas intenta precisamente, já indicada pelos resultados precedentes, é sublinhada ainda pelo seguinte fato: recolhi informações exatas sobre a situação escolar de cerca de 5000 crianças. Não considerando senão as de 12 anos, temos que, em 450, mais do terço, ou sejam, 150, deixarão a escola apenas com o preparo de 1º e 2º anos, isto é, com o preparo de uma criança de 7 a 8 anos.

Outras conclusões, enfim, que formularei rapidamente. Quando se trata de inteligência, podemos chegar rapidamente a classificações relativas entre crianças de um mesmo país, porém, não em outras condições. Seria quase impossível ajustar os instrumentos. Não vejo mesmo, ao terminar este ensaio, o que poderia permiti-lo. Toda comparação desse gênero me parece, pois, extremamente suspeita.³ Esbarramos, aí, com uma das maiores dificuldades que a Psicologia possa encontrar.

Mas quantas outras não encontraremos nós? E quantas vezes, na presença dessas crianças mineiras que eu freqüentava, não senti a impressão da pobreza dos nossos meios de investigação? Quantas diferenças nós percebíamos, sem saber apreciá-las ou julgá-las! Ah! certamente ainda se reserva bastante lugar à intuição para que não importe em amesquinhá-la, ou substituí-la pela medida, nas circunstâncias em que tal for possível. E ainda restam, para a medida, muitas conquistas a empreender.

Se bem que eu já me tenha alongado bastante, pediros-ei para juntar ainda algumas palavras. Uma para exprimir a minha gratidão à pequena colônia francesa encontrada em Belo Horizonte, ao nosso gerente consular, sr. Briffault, e ao gerente do Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais, sr. Lavaquery, em cuja casa tive a satisfação de encontrar uma família francesa. Desejaria também manifestar todo o prazer que experimentei durante algumas horas passa-

das com as religiosas francesas de Belo Horizonte e com as suas companheiras do Brasil, notadamente as do Colégio Santa Maria; as nossas, por sua vez, sentiram-se felizes ao ouvirem falar da pátria, elas a quem se deve aquele conhecimento de nossa língua de que já forneci exemplos, e o fato de ocupar a nossa literatura um lugar de relevo na biblioteca das principais famílias do Estado. Não devo, também, esquecer o acolhimento recebido desde a primeira hora, no Rio, do nosso embaixador, o conde Dejean, com quem passei igualmente a noite anterior à minha partida, nem passar em silêncio o nome do comandante Schoof, do "Lutetia".

Emfim, gostaria de repetir-vos, sr. embaixador, o que eu disse, na hora da partida, a vossos compatriotas: além do meu pesar por ser obrigado a deixá-lo tão cedo, a atração que se experimenta por alguns traços do caráter deles e principalmente por esse lado afetoso e entusiástico da alma brasileira. Povo ardente, que se compraz talvez um pouco demais no falar, e talvez por isso mesmo mais jovem que os Estados Unidos, mas sobretudo de uma mocidade diferente, e que sentimos ávida de crescer, de assimilar as formas vigorosas da moderna civilização. Ao deixar Belo Horizonte, após a manifestação de que já vos falei, na Escola onde havia trabalhado, fui convidado para uma outra cerimônia menos íntima, porém que me deixou igualmente uma forte impressão.

Era no grupo escolar "Barão do Rio Branco". O vosso hino nacional foi, primeiramente, cantado por todas as crianças. Depois, nesses pátios que vos mostrei, elas participaram de evoluções ginásticas variadas, a que assistimos das varandas. E à sombra dos grandes "flamboyants", na luz límpida da manhã, essas centenas de crianças, cujas teorias desenrolavam sob os nossos olhos o ritmo harmonioso de seus passos, a leveza de seu andar, pareciam verdadeiramente simbolizar a marcha ascensional de vosso povo e anunciar-lhe a grandeza. Toda idéia de crítica se dissipava diante desse espetáculo, porque ele nos oferecia uma visão do futuro. E isso talvez comporte bem um novo ensinamento, com o qual termino: se é agradável, com efeito, sentirmos orgulho do nosso passado, não será mais precioso ainda, para um povo, sentir orgulho de seus sonhos e de suas aspirações?"

NOTAS:

1 - Professora de desenho na cidade de Genebra e no Instituto Jean-Jacques Rousseau, malgrado os seus 60 anos e uma saúde pouco firme, a sra. Artus Perrelet não hesitou em partir para o Brasil por 2 anos. Caráter enérgico, ao mesmo tempo rude e profundamente sensível, alma entusiasta, original e rica, possuidora de excepcionais dotes pedagógicos, é rigorosamente uma figura de primeiro plano, que se tem alegria em conhecer e em encontrar no caminho, sobretudo para uma tarefa comum.

2 - Esses gráficos abrangem 20 classes com cerca de 650 crianças. Sua extensão impede-nos, infelizmente, de publicá-los, bem como as numerosas fotografias que deviam ilustrar esta comunicação.

3 - O que torna pitorescas as traduções de Terman que vemos aparecer para uso de nossas crianças. O que me torna céptico quanto às comparações de raça. O que, enfim, teoricamente, é bem interessante quanto à medida que fazemos da inteligência e acentua mais uma vez o fato de só a atingirmos indiretamente.

OBS.: Encontrava-se presente à palestra o sr. Souza Dantas, embaixador do Brasil na França.